

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**Do Cinema de Estado ao Cinema Fora do Estado: Angola**  
**15 de Novembro de 2024**

**COMBOIO DA CANHOCA / 1989-2004**

*Um filme de Orlando Fortunato*

Realização e Argumento: Orlando Fortunato / Direcção de Fotografia: Georges Lechaptois, José Tiago, Leonardo Simões / Música: Bonga / Som: Gita Cerveira / Montagem: Helena Alves / Interpretação: Raul David (Kapindala), Carlos Manuel de Carvalho (Paulo Mateus), António Francisco de Oliveira (Anacleto Ferreira), Adelino Caracol (Santana), Louro António Domingos (Sapalo), Roberto Africano Fortes (Júlio), Américo Tomás Veloso (Horácio), Carlos Dias (Magalhães), Júlio Sérgio Aguiar de Brito (Tonsela), José Carlos João Miguel (Fernando Guerra), André Evaristo Ebo (Barbosa), Adérito Meirinho (Kanguri), Filipe Crawford (chefe da estação), Cristina Cavalinhos (D. Miquelina), Luís Mascarenhas (coronel Airosa), Nuno Melo, Armando Correia de Azevedo (Faustino), Anderson Gaspar Miranda (Zé), António Dias Nascimento (Mano António), António Isidoro Alberto (vigário), Carlos Alberto Pinto Lopes (Barros), Dadinho (filho de Njololo), David Caracol (João Maria), Delfina Cruz (Sra. Airosa), Dionísia Pedro (Kalweia), Dionísio Simão Caminha (Julião), Elisa Delgado (camponesa), Ezequiel Ventura (filho da camponesa), João Óscar de Carvalho (homem nervoso), Jorge Salavisa (furriel Lopes), Mafalda Vilhena (Sra. Marques) etc.

Produção: Transmediterrannée (França), Continentalfilmes (Portugal), Massangalala (Angola), Cinéatélfilms (Tunísia), Soread (Marrocos) / Cópia em 35mm, colorida, falada em português / Duração: 87 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

Orlando Fortunato de Oliveira, ou apenas Orlando Fortunato, como costuma assinar, nasceu em 1946 e é tido como um pioneiro do cinema angolano, a par de outros nomes (como os de António Ole e de Ruy Duarte Carvalho) também representados neste ciclo. Desenvolveu trabalho sobretudo na área do documentário (**Agostinho Neto**, de 2000) e investigou especialmente a violência – física, explícita – da presença colonial portuguesa em Angola: **Memória de um Dia**, documentário de 1982, relatava o massacre de Bengo Icolo, em 1960, quando as forças portuguesas mataram vários manifestantes pacíficos. Foi um episódio dessa história de violência que escolheu retratar no seu primeiro filme de ficção: a prisão de dezenas de nacionalistas angolanos, que foram enfiados num vagão de mercadorias e dentro dele deixados ao abandono da torreira do sol, do calor e da falta de condições, durante vários dias. Isto sucedeu em finais dos anos 50, portanto pouco tempo antes da data oficial de eclosão da guerra colonial em Angola, e era esse o “comboio da Canhoca” (a Canhoca era a estação na qual o vagão foi abandonado).

São escassas as informações sobre a rodagem do filme, e normalmente diz-se que o filme ficou pronto em 1989 mas, por razões políticas (quais, exactamente, não conseguimos

apurar), teve estreia embargada durante década e meia, só chegando às salas angolanas em 2004. Não se duvida de que essas razões políticas tenham tido um papel na sorte de **Comboio da Canhoca**, mas vendo o filme suspeita-se de que ele não terá ficado inteiramente pronto em 1989. Por alguns nomes de colaboradores portugueses constantes no genérico que seriam demasiado jovens em 1989 para já estarem a trabalhar, por alguns conhecidos actores portugueses do elenco que parecem mais velhos do que seriam em 1989, infere-se que não foi apenas a estreia a ser retardada, foi a própria rodagem que terá sido, eventualmente, interrompida, e retomada mais tarde. É uma suposição, mas, em face do filme, é a suposição que nos parece fazer sentido.

O centro de **Comboio da Canhoca** é, de facto, o “comboio da Canhoca”, o vagão onde estão retidas as dezenas de homens sequestrados pelos portugueses. São homens das mais variadas origens, dos mais diversos estratos sócio-profissionais, e as suas discussões, assim como os seus relatos (que possibilitam momentos de reconstituição em flash-back), compõem até certo ponto um retrato em mosaico dos vários sectores da sociedade angolana e do modo como todos eram atravessados, ainda que eventualmente por razões diferentes, por um anseio nacionalista e por uma reacção de oposição ao colonialismo português. Colonialismo português que, através de uma série de personagens ligadas ao poder, é também descrito, sobretudo nas cenas iniciais, onde os diálogos propõem também um “mapa” da presença portuguesa em Angola naquele momento histórico do final da década de 1950, e das atitudes – mais fieis ao regime ou mais conscientes do ponto de insustentabilidade a que se chegava – dentro dos homens e mulheres que interpretavam essa presença.

Um dado curioso é a presença, no genérico, do nome de Leonardo Simões, habitual director de fotografia de Pedro Costa. Há pelo menos uma sequência em que o seu modo de iluminar (a distribuição de focos de luz pela penumbra do enquadramento, os efeitos de reflexo e de brilho) se manifesta sem margem para dúvida: o momento de conversa entre um grupo de personagens, ainda num ponto relativamente inicial, naquela taverna ou café. É como se isso, pela associação à “estética” dos filmes de Pedro Costa, tivesse um efeito de irmanação, e o espírito do espectador abrisse uma via de comunicação entre esta história de antes da guerra colonial e a história do que aconteceu a tantos africanos de expressão portuguesa nos anos depois da guerra.

Luís Miguel Oliveira